

**NÃO VIVA
UMA
MENTIRA**

ROD DREHER

**UM MANUAL PARA
DISSIDENTES CRISTÃOS**



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022

Sumário

INTRODUÇÃO 13

PARTE I Entendendo o Totalitarismo Brando

CAPÍTULO UM
Kolakovic, o Profeta 25

CAPÍTULO DOIS
Nossa Cultura Pré-totalitária 43

CAPÍTULO TRÊS
O Progressivismo Como Religião 69

CAPÍTULO QUATRO
Capitalismo, Desperto e Atento 91

PARTE DOIS

Como Viver em Verdade

CAPÍTULO CINCO

Não Valorize Nada Além da Verdade 121

CAPÍTULO SEIS

Cultive a Memória Cultural 135

CAPÍTULO SETE

As Famílias São Células de Resistência 153

CAPÍTULO OITO

Religião, a Base da Resistência 175

CAPÍTULO NOVE

Representando a Solidariedade 189

CAPÍTULO DEZ

A Dádiva do Sofrimento 207

CONCLUSÃO

Não Viva uma Mentira! 231

Notas 239

Índice 251

PARTE I

**Entendiendo o
Totalitarismo Brando**

AMOSIRA

CAPÍTULO UM

Kolakovic, o Profeta

Às vezes, um estranho que enxerga mais profundamente e mais longe do que a multidão aparece para alertar sobre os problemas vindouros. Essas histórias geralmente acabam com as pessoas descreditando o profeta e sofrendo por sua cegueira. Aqui, porém, está um conto sobre um povo que ouviu os avisos do profeta, fez o que ele aconselhou e estava, portanto, pronto quando a crise chegou.

Em 1943, um padre jesuíta e ativista antifascista chamado Tomislav Poglajen fugiu de seu país, a Croácia, um passo à frente da Gestapo, e se estabeleceu na Tchecoslováquia. Para esconder-se dos nazistas, adotou o nome eslovaco de sua mãe — Kolakovic — e começou a trabalhar como professor na Bratislava, capital da Eslováquia, que se tornara um Estado vassalo independente de Hitler. O padre, com 37 anos e portando um tufo de cabelos prematuramente brancos, passara seu treinamento sacerdotal estudando na União Soviética. Acreditava que a derrota do totalitarismo

nazista ocasionaria um grande conflito entre o totalitarismo soviético e o Ocidente liberal democrático. Embora o padre Kolakovic se preocupasse com as ameaças à vida e com o testemunho dos cristãos do rico e materialista Ocidente, estava muito mais preocupado com os perigos do comunismo, o qual corretamente via como uma ideologia imperialista.

Quando o padre Kolakovic chegou a Bratislava, ficou claro que o Exército Vermelho derrotaria os alemães do Leste. De fato, em 1944, o governo tcheco, em exílio — que também representava eslovacos que se recusaram a aceitar o Estado eslovaco nominalmente independente —, fez um acordo formal com Stalin, garantindo que, após a expulsão dos nazistas, os soviéticos dariam a liberdade à nação.

Visto que entendia como os soviéticos pensavam, o padre Kolakovic sabia que aquilo era uma mentira. Ele alertou os católicos eslovacos que, quando a guerra acabasse, a Tchecoslováquia seguiria a regra de um governo marionete dos soviéticos. Dedicou-se a prepará-los para a perseguição.

Os Desprevenidos Cristãos da Eslováquia

O padre Kolakovic sabia que o clericalismo e a passividade do catolicismo tradicional eslovaco não seriam páreo para o comunismo. Primeiro, ele previu corretamente que os comunistas tentariam controlar a Igreja subjungando o clero. Segundo, compreendeu que as provas espirituais que aguardavam os fiéis sob o comunismo os testariam ao extremo. O carismático pastor pregou que apenas uma vida de total entrega a Cristo os permitiria superar as provações por vir.

“Entregue-se totalmente a Cristo, lance todos os seus desejos e preocupações sobre Ele, pois tem ombros largos, e vocês testemunharão milagres”, disse o padre, de acordo com as memórias de um discípulo.¹

Entregar-se completamente a Cristo não era uma abstração ou um pensamento piedoso. Deveria ser algo concreto e coletivo. A destruição total causada pela Primeira Guerra Mundial abriu os olhos de católicos mais jovens para a necessidade de uma nova evangelização. Um padre belga chamado Joseph Cardijn, cujo pai morrera em um acidente em uma mina, começou um movimento leigo para fazer isso em meio à classe trabalhadora. Eles eram a Juventude Operária Católica, chamados de “jocistas” por causa das iniciais do nome em francês. Inspirado pelo exemplo jocista, o padre Kolakovic adaptou-o às necessidades da Igreja Católica na Eslováquia, ocupada pelos alemães. Passou a estabelecer células de jovens fiéis católicos que se juntavam para orar, para estudar e para estar em comunhão.

O padre refugiado ensinou aos jovens fiéis eslovacos que cada pessoa deve ser responsável por suas ações perante Deus. Liberdade é responsabilidade, destacava ele, é um meio para vivermos em verdade. O lema dos jocistas tornou-se o lema do que o padre Kolakovic chamava de sua “Família”: *Veja. Julgue. Aja. Ver* significava estar atento às realidades ao redor. *Julgar* era um comando para discernir com sobriedade o significado daquelas realidades, sob a luz do que se sabia ser verdadeiro, especialmente a partir dos ensinamentos da fé cristã. Após chegar a uma conclusão, era então necessário *agir* para resistir ao mal.

Václav Vaško, seguidor de Kolakovic, recordou posteriormente em sua vida que o ministério de Kolakovic animava muitos jovens católicos porque energizava os leigos, dando-lhes um sentido de responsabilidade de liderança.

“É impressionante como Kolakovic teve um sucesso praticamente instantâneo na criação de uma comunidade de confiança e de amizade mútua, partindo de um grupo diverso de pessoas (padres, religiosos e

leigos de diferentes idades, educações e maturidades espirituais)”, escreveu Vaško.

Os grupos da Família inicialmente juntavam-se para estudar a Bíblia e orar, mas não demorou até começarem a ouvir os ensinamentos do padre Kolakovic sobre filosofia, sociologia e tópicos intelectuais. Ele também treinou seus jovens seguidores sobre como trabalhar secretamente e aguentar os interrogatórios que dizia estar seguro de que aconteceriam.

A Família expandiu seus pequenos grupos rapidamente pela nação. “No fim do ano letivo de 1944”, contou Vasko, “teria sido difícil encontrar um corpo docente ou uma escola de Ensino Médio em Bratislava ou em cidades maiores nas quais nossos círculos não atuavam”.

Em 1946, as autoridades tchecas deportaram o padre ativista. Dois anos depois, os comunistas tomaram o poder por completo, exatamente como o padre Kolakovic predissera. Dentro de vários anos, quase toda a Família fora aprisionada, e a igreja institucional da Tchecoslováquia, brutalizada em submissão. Mas, quando os membros da Família saíram das prisões, na década de 1960, começaram a fazer o que seu pai espiritual lhes tinha ensinado. Os dois principais sargentos do padre Kolakovic — o físico Silvester Krcmery e o padre Vladimir Jukl — silenciosamente estabeleceram círculos cristãos ao redor do país e começaram a construir uma igreja clandestina.

A igreja clandestina, liderada pelos filhos e netos espirituais do visionário clérigo, tornou-se a principal referência para os dissidentes anticomunistas durante os quarenta anos seguintes. Foram eles que organizaram o grande protesto público em 1988 na Bratislava, capital da Eslováquia, exigindo a liberdade religiosa. A “Manifestação das Velas” foi o primeiro grande protesto contra o Estado, dando início à Revolução do Veludo, que derrubou o regime comunista um ano depois. Embora os cristãos eslova-

cos estivessem entre os que foram mais perseguidos no bloco soviético, a Igreja Católica de lá manteve-se resistente, porque um homem previu o que aconteceria e preparou seu povo.

O Novo Totalitarismo

Como Kolakovic sabia o que estava prestes a acontecer com as pessoas da Europa Central? Ele não tinha dons sobrenaturais; pelo menos, nenhum que conheçamos. Pelo contrário, estudou intensamente o comunismo soviético para se preparar para o trabalho missionário na Rússia, e compreendeu como os soviéticos pensavam e se comportavam. Conseguia ler os sinais dos tempos geopolíticos. E, como um padre que vinha organizando a resistência católica contra a versão nazista do totalitarismo, tinha experiência prática com o combate clandestino da monstruosa ideologia.

Hoje, os sobreviventes do comunismo soviético são, de sua forma, nossos próprios Kolakovicês, alertando-nos sobre um totalitarismo vindouro — uma forma de governo que combina autoritarismo com uma ideologia que busca controlar todos os aspectos da vida. Esse totalitarismo não será como foi o da URSS. Não se estabelecerá por meios explícitos como a revolução armada nem será posto em execução com os gulags. Pelo contrário, ele exercerá controle, pelo menos inicialmente, em termos brandos. Tal totalitarismo é terapêutico. Ele mascara seu ódio pelos dissidentes de sua ideologia utópica no disfarce da ajuda e da cura.

Para compreender a ameaça do totalitarismo, é importante entender a diferença entre ele e o autoritarismo simples. Autoritarismo é o que temos quando o Estado monopoliza o controle político. É uma mera ditadura — certamente, ruim, mas o totalitarismo é muito pior. De acordo com Hannah Arendt, a acadêmica mais importante sobre o totalitarismo, uma sociedade totalitária é aquela em que uma ideologia busca tirar todas as

tradições e instituições anteriores, com o objetivo de colocar todos os aspectos da sociedade sob o controle de tal ideologia. Um Estado totalitário é aquele que aspira a nada menos do que definir e controlar a realidade. A verdade é qualquer coisa que os soberanos decidirem. Como Arendt escreveu, em todos os lugares em que o totalitarismo dominou, “ele começou a destruir a essência do ser humano”.²

Como parte de sua busca para definir a realidade, um Estado totalitário procura não apenas controlar suas ações, mas também seus pensamentos e emoções. O sujeito ideal de um Estado totalitário é alguém que aprendeu a amar o Grande Irmão, o Big Brother.

Voltando à era soviética, o totalitarismo exigia amor pelo Partido, e o cumprimento das demandas do Partido era executado pelo Estado. O totalitarismo atual exige lealdade a um conjunto de crenças progressistas, muitas das quais são incompatíveis com a lógica — e, certamente, com o cristianismo. O cumprimento é forçado menos pelo Estado do que pelas elites que formam a opinião pública e pelas corporações privadas, que, graças à tecnologia, controlam nossas vidas muito mais do que gostaríamos de admitir.

Muitos conservadores hoje em dia não conseguem captar a gravidade dessa ameaça, desconsiderando-a por ser apenas o “politicamente correto” — um termo pejorativo com referência à consciência social e política dita *wokeness* de uma geração anterior. É fácil não levarmos a sério pessoas como o ex-professor soviético por considerá-las históricas, se pensarmos sobre o que está acontecendo hoje em dia como nada além do retorno das doidices da esquerda nas universidades da década de 1990. Então, a resposta-padrão dos conservadores era desdenhosa. *Espere até que esses pirralhos saiam para o mundo real e tentem conseguir um emprego.*

Bem, eles conseguiram — e levaram as universidades para as corporações ocidentais, para as profissões de médicos e advogados, para a mídia, para as escolas de Ensino Fundamental e Médio e para outras instituições da vida ocidental. Nessa revolução cultural, intensificada na primavera e no verão de 2020, estão tentando transformar todo o Ocidente em um *campus* universitário com engajamento social e político [*woke*].

Hoje, em nossas sociedades, os dissidentes do partido do “woke” têm suas empresas, carreiras e reputações destruídas. São expulsos de cena, estigmatizados, cancelados e até demonizados como sendo racistas, sexistas, homofóbicos e assim por diante. E têm medo de resistir, porque estão certos de que ninguém se juntará a eles ou os protegerá.

A Suavidade do Totalitarismo Brando

É possível não perceber o massacre causado pelo totalitarismo, precisamente porque temos uma percepção errada de como seu poder funciona. Em 1951, o poeta e crítico literário polonês Czeslaw Milosz, exilado no Ocidente e dissidente anticomunista, escreveu que os ocidentais não entendem a natureza do comunismo porque pensam nele apenas em termos de “poder e coerção”.

“Está errado”, escreveu ele. “Há um anseio interno por harmonia e por felicidade que reside mais profundamente do que o medo comum ou o desejo de escapar da miséria ou da destruição física.”³

No livro *Mente Cativa*, Milosz disse que a ideologia comunista preencheu um vazio que fora aberto nas vidas dos intelectuais do século XX, a maioria dos quais parou de crer na religião.

O totalitarismo da esquerda atual apela mais uma vez para um anseio interno, especificamente para o desejo por uma sociedade justa, que

vindique e liberte as vítimas históricas da opressão. Ele se disfarça de bondoso, demonizando os dissidentes e os grupos demograficamente desfavorecidos para proteger o sentimento das “vítimas” e para causar a “justiça social”.

O culto contemporâneo da justiça social identifica os membros de determinados grupos sociais como vitimizantes, ou bodes expiatórios, e exige sua supressão como uma questão de justiça. Dessa forma, os denominados Guerreiros da Justiça Social, que começaram como liberais animados por uma compaixão urgente, acabam abandonando o liberalismo autêntico e abraçando uma política agressiva e punitiva que faz eco ao bolchevismo, como o estilo de comunismo soviético foi inicialmente chamado.

Na virada do século XXI, o crítico cultural René Girard alertou, profeticamente: “O processo atual de demagogia espiritual e de retórica exagerada transformou a preocupação com as vítimas em um comando totalitário e em uma inquisição permanente.”⁴

É isto que os sobreviventes do comunismo estão nos dizendo: que o cuidado admirável do liberalismo com os fracos e com os marginalizados está se tornando rapidamente uma ideologia monstro, que, se não for parada, transformará a democracia liberal em uma forma mais branda e terapêutica de totalitarismo.

O Terapêutico como o Modo Pós-moderno de Existência

O totalitarismo brando explora a preferência decadente do homem moderno por prazeres pessoais em detrimento dos princípios, incluindo as liberdades políticas. O público apoiará — ou pelo menos não se oporá — a vinda do totalitarismo brando, não porque tema a imposição de cruéis

punições, mas porque fica satisfeito com o conforto hedonista. Não foi o romance *1984* que previu o que estava por vir, mas o livro de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*. O crítico social contemporâneo James Poulos denomina isso de “Estado Policial Rosa”: um arranjo informal no qual as pessoas entregam seus direitos políticos em troca de garantias por prazeres pessoais.

O totalitarismo brando, como veremos em um capítulo posterior, faz uso de tecnologias avançadas de vigilância não impostas (ainda) pelo Estado, mas bem recebidas pelos consumidores como auxílios à conveniência de seus estilos de vida —, e, no ambiente pós-pandemia, provavelmente necessárias para a saúde pública. É difícil ficarmos exaltados com o Big Brother quando já nos acostumamos com o Big Data monitorando de perto nossa vida particular por meio de aplicativos, cartões de crédito e dispositivos inteligentes, que facilitam tanto a vida e a deixam mais prazerosa. Na distopia ficcional de Orwell, o Estado instalou “teletelas” nas casas das pessoas para monitorar suas vidas particulares. Hoje, instalamos dispositivos inteligentes em nossos lares para aumentar nossa sensação de bem-estar.

Como a maximização de um sentimento de bem-estar se tornou o principal objetivo das pessoas e das sociedades modernas? O sociólogo e crítico cultural norte-americano Philip Rieff não era religioso, mas poucos profetas escreveram de forma mais contundente sobre a natureza da revolução cultural que tomou conta do Ocidente no século XX e que define a essência do totalitarismo brando.

Em seu livro histórico *O Triunfo da Terapêutica*, escrito em 1966, Rieff disse que a morte de Deus no Ocidente deu origem a uma nova civilização, devotada à liberação do indivíduo para que busque seus próprios prazeres, e para lidar com ansiedades emergentes. O Homem Religioso,

que vivia de acordo com a crença em princípios transcendentais que organizavam a vida humana em torno de propósitos comuns, deu lugar ao Homem Psicológico, que acredita que não há uma ordem transcendental e que o propósito da vida é encontrar seu próprio caminho por meio de experimentações. O homem não compreende mais a si como um peregrino em uma jornada de significado com os outros, mas como um turista que viaja pela vida de acordo com um itinerário feito por ele mesmo, tendo a felicidade pessoal como objetivo máximo.

Essa foi uma revolução ainda mais radical do que o evento bolchevista de 1917, declarou Rieff. Pela primeira vez, a humanidade buscava criar uma civilização baseada na negação de qualquer ordem transcendente vinculativa. Os bolcheviques podem ter eliminado Deus, mas, ainda assim, acreditavam que havia uma ordem metafísica que exigia que as pessoas subordinassem seus desejos pessoais a uma causa maior. Quase 25 anos antes da queda do Muro de Berlim, Rieff previu que o comunismo não conseguiria sobreviver à revolução cultural proveniente do Ocidente, que supostamente libertava a pessoa para buscar o hedonismo e o individualismo. Se não há uma ordem sagrada, então a promessa original da serpente no Jardim do Éden — “Sereis como Deus” — é o princípio fundamental da nova cultura.

Rieff viu, contudo, que não seria possível haver cultura sem o culto — quer dizer, sem a crença compartilhada em uma ordem sagrada e sem a submissão a ela, o que vemos em uma “anticultura”. Uma anticultura é inerentemente instável, disse Rieff, mas ele duvidava de que as pessoas que cresceram nessa ordem social um dia estariam dispostas a retornar aos antigos caminhos.

Até mesmo os líderes da Igreja, escreveu ele, estavam mentindo para si mesmos sobre a habilidade das instituições que lideravam em resistir

à terapêutica. Rieff previu o futuro da religião como uma devolução a uma espiritualidade dissolvida, que acomodaria qualquer coisa. Ele viveu o suficiente para ver sua previsão de 1966 tornar-se realidade. Em 2005, os sociólogos da religião Christian Smith e Melinda Lundquist Denton cunharam a expressão “Deísmo Moralista Terapêutico” para descrever a forma decadente que o cristianismo (e todas as fés, na verdade) assumira no Ocidente contemporâneo. Ela consistia em uma crença geral de que Deus existe e não exige de nós nada além de sermos bons e felizes.

Na cultura terapêutica, que triunfou em todos os lugares, o grande pecado é obstruir a liberdade dos outros, de modo que não alcancem a felicidade da maneira que quiserem. Isso anda de mãos dadas com a Revolução Sexual, que, com as políticas étnicas e de igualdade de gênero, substituiu a luta fracassada da classe econômica como foco utópico da esquerda radical após a década de 1960. Tais revolucionários culturais encontraram um aliado no capitalismo avançado, que ensina que não deveria existir nada fora do mecanismo do mercado e seus conceitos de valor de acordo com os desejos humanos.

A Guerra Fria e a Guerra Cultural levaram muitos conservadores brancos cristãos nos EUA a se identificarem com o Partido Republicano e com a economia do livre mercado como consonantes com a moralidade cristã. O relativismo revestido no dogma do livre mercado colaborou com a absorção do etos terapêutico pela direita religiosa. Afinal, se a verdadeira liberdade é definida como liberdade de escolha, em contraste com o conceito clássico de escolha da virtude, então a porta está escancarada para reformar a religião nos moldes terapêuticos, com seu centro em torno da experiência do consumidor. É por isso que tantos conservadores cristãos não viram e ainda não conseguem explicar as contínuas vitórias do transgenerismo na guerra cultural. O fenômeno transgênero, que requer uma

afirmação psicológica em detrimento da realidade biológica, é a culminação lógica de um processo que começou séculos atrás.

A resistência cristã, em grande escala resistente à anticultura, tem sido infrutífera e provavelmente continuará sendo até onde é possível prever o futuro. Por quê? Porque o espírito da terapêutica conquistou todas as igrejas também — mesmo aquelas cheias de cristãos que se denominam conservadores. Relativamente poucos cristãos contemporâneos estão preparados para sofrer pela fé, porque a sociedade terapêutica que os formou nega o propósito do sofrimento, para começar, e a ideia de suportar dor por causa da verdade parece ridícula.

Ketman e a Pílula de Murti-Bing

É difícil para as pessoas que cresceram em um mundo livre captarem a amplitude e a profundidade das mentiras necessárias apenas para existir sob o comunismo. Todas as mentiras, e as mentiras sobre as mentiras, que formaram a ordem comunista foram criadas com base na seguinte mentira fundamental: que o Estado comunista era a única fonte de verdade. Orwell disse em 1984: “O Partido dizia-lhe para rejeitar as provas materiais que seus olhos e ouvidos lhe ofereciam. Essa era sua instrução final, a mais essencial de todas.”⁵

Sob a ditadura do Big Brother, o Partido entende que, ao alterar a linguagem — Novafala é a palavra do Partido para o jargão imposto na sociedade —, ele controla as categorias que estruturam o pensamento das pessoas. “Liberdade” é escravidão, “verdade” é falsidade, e assim por diante. Duplipensamento — “o poder de sustentar duas crenças contraditórias na mente simultaneamente, aceitando as duas” — é como as pessoas aprendem a submeter suas mentes à ideologia do Partido. Se o Partido diz que $2 + 2 = 5$, então $2 + 2 = 5$. O objetivo é convencer a pessoa de que

toda a verdade existe dentro da mente, e a mente corretamente controlada acredita em qualquer coisa que o Partido disser que é verdade.

Orwell escreveu:

Era como se alguma força monumental exercesse pressão sobre você — uma coisa que invadia seu crânio, golpeava seu cérebro, aterrorizava-o a ponto de fazê-lo abandonar suas crenças, quase convencendo-o a rechaçar as provas que seus sentidos lhe forneciam. No fim, o Partido haveria de anunciar que dois mais dois são cinco, e você seria obrigado a acreditar. Era inevitável que mais cedo ou mais tarde o Partido fizesse tal afirmação: a lógica de sua posição o exigia. Além da validade da experiência, a própria existência da realidade externa era tacitamente negada por sua filosofia. A heresia das heresias era o bom senso.⁶

Agora, não temos um Estado todo-poderoso nos forçando isso. Essa ditadura é muito mais sutil. Sob o totalitarismo brando, a mídia, a academia, o Ocidente corporativo e outras instituições praticam a Novafala e convencem os demais a se engajarem no duplispensamento diariamente. Os homens menstruam. A mulher à sua frente deve ser chamada de “ele”. Diversidade e inclusão significam excluir aqueles que se opõem à uniformidade ideológica. Igualdade significa tratar as pessoas de forma desigual, independentemente de suas habilidades e conquistas, para chegar a um resultado ideologicamente correto.

Atualizando uma frase de Orwell para nossa própria situação: “O Partido da Diversidade, Igualdade e Inclusão dizia-lhe para rejeitar as provas materiais que seus olhos e ouvidos lhe ofereciam. Essa era sua instrução final, a mais essencial de todas.”

Muitos cristãos perceberão essas mentiras hoje, mas escolherão não se manifestar. Seu silêncio não os salvará, mas os corroerá, de acordo com Milosz.

Em seus escritos sobre o aspecto insidioso do comunismo, Milosz fez referência a um romance de 1932, *Insaciabilidade*. Nele, o escritor polonês Stanislaw Witkiewicz escreveu sobre uma distopia em um futuro então próximo no qual as pessoas estariam culturalmente esgotadas e cairiam em decadência. Um exército mongol do Oriente ameaçava invadi-los.

Como parte do plano para dominar a nação, as pessoas começaram a encher as ruas vendendo “a pílula de Murti-Bing”, que leva o nome de um filósofo mongol que descobriu uma forma de incorporar sua filosofia “não se preocupe, seja feliz” em um tablete. Aqueles que tomaram a pílula de Murti-Bing pararam de se preocupar com a vida, muito embora as coisas estivessem indo de mal a pior a seu redor. Quando o exército oriental chegou, eles se entregaram facilmente, aliviados por terem encontrado a salvação de suas tensões e de seus conflitos internos.

Só que a paz não foi duradoura. “Porém, como não conseguiam se livrar totalmente de suas antigas personalidades”, escreve Milosz, “eles se tornaram esquizofrênicos”.⁷

O que fazer quando acabar o efeito da pílula de Murti-Bing e você se vir vivendo sob uma ditadura de mentiras oficiais, na qual qualquer um que contradiz a linha do partido acaba na prisão?

Você se torna um ator, responde Milosz. Aprende a prática de *ketman*. Essa é uma palavra persa para a prática de manter uma aparência externa da ortodoxia islâmica, enquanto internamente é um dissidente. *Ketman* foi a estratégia que todos aqueles que não eram crentes verdadeiros no comunismo tiveram que adotar para ficar longe de problemas. É uma forma de autodefesa mental.

Qual é a diferença entre *ketman* e a boa e velha hipocrisia? Como Milosz explica, estar “acionado” o tempo todo inevitavelmente muda uma